

CÔA VISO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 0 • ANO DE 1998



EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Romanização na área do actual concelho de Foz Côa

ANTÓNIO DO NASCIMENTO SÁ COIXÃO
ANTÓNIO ALBERTO RODRIGUES TRABULO

ÁREA ROMANIZADA

A área romanizada, tal como hoje sabemos, abrange todas as freguesias com a excepção de Santo Amaro, Custóias, Santa Comba e Seixas.

A população encontrava-se então distribuída por núcleos populacionais de diferentes categorias. Os mais importantes seriam as **civitas**, casos prováveis de Freixo de Numão e Numão, e os **Vici** das Mós, Cedovim, Muxagata, Azinhate, Olival dos Telhões em Almendra e Vendas em Sebadelhe, entre outros. Em redor destes povoados existiam numerosas **villae rusticae** e simples **casais**. Estes últimos eram normalmente simples casas de campo, onde, por vezes, aparecia associado o lagar ou lagareta para a pisa das uvas. Estes últimos eram normalmente simples casas de campo, onde, por vezes, aparecia associado o lagar ou lagareta para a pisa das uvas.

VICUS OU CIVITAS DE FREIXO DE NUMÃO

Esta povoação deve ter sido, originariamente, um antigo povoado castrejo que terá sido romanizado logo nos primeiros anos da nossa era.

A recolha de uma moeda de Carisius (26 a.C.), na zona da Adzibôa, contígua à do castelo de Freixo de Numão, e de diversas sigilatas do século I d.C. parecem confirmar essa hipótese.

Cremos, ainda, que se deve ter aqui instalado um acampamento do exército da Lusitânia, comandado talvez pelo próprio Carisius. Fortalece essa ideia o facto de aqui ter aparecido uma ara dedicada a Júpiter, epígrafes que surgem com maior frequência nas zonas militarizadas.

Nos terrenos envolventes da freguesia, estão referenciados numerosos casais (casas de campo para alfaías e actividades agrícolas e pecuárias), que terão servido de suporte abastecedor do Vicus ou da Cidade e do próprio acampamento militar.

Convém no entanto recordar que os achados arqueológicos ligados a uma prática guerreira são escassos, havendo apenas a destacar um hipopético braçal de arqueiro (séc. III (?) d.C.), achado na Vendada II.

A partir de finais do séc. II e por todo o século III d.C., assistiu-se aqui a um aumento populacional significativo. Terrenos então desmatados levaram ao aparecimento de um sem número

de “villas” e “casais”, autêntica auréola económica do tecido social existente. O seu aproveitamento abrangeu múltiplas actividades, não só agrícolas, mas ainda artesanais.

VICUS OU CIVITAS DE NUMÃO

Provável Coniumbriga, como leva a crer uma ara votiva existente na Igreja Matriz. Regista uma ocupação do séc. I ao V d.C.

VICUS DO CASTELO DE MUXAGATA (área urbana)

VILLA OU VICUS DA QUINTA DAS VENDAS DE SEBADELHE

VILLA OU VICUS DO OLIVAL DOS TELHÕES (Almendra)

VILLA OU VICUS DA CRUZINHA (Mós do Douro)

Séculos I a IV d.C. (?).

VILLA OU VICUS DO PAÇO (Vila Nova de Foz Côa)

VILLA OU VICUS DE QUINTAS (Chãs)

VILLA OU VICUS DO CASTELO (Cedovim)

O “morro do castelo” terá sido, primitivamente, um povoado da Idade do ferro (1.º milénio a.C.). Posteriormente, já o séc. I d.C., terá sido dominado pelo exército do imperador romano Octávio César Augusto, ao jeito do que aconteceu com a quase totalidade dos povoados castrejos espalhados pela Península Ibérica.

VILLA OU VICUS DA QUINTA DAS OLGAS (Muxagata), extenso povoado do séc. I d.C.

VILLAE RUSTICAE

CHÃO DA CORTINHA (Touça), séc. II e III d.C. (?)

CHÃO DO CLÁUDIO (Murça)

ESCORNA BOIS I (Freixo de Numão)

GABRIEL I (Custóias)

GRICHA (Cortes da Veiga, Foz Côa)

LARANJAL II (Freixo de Numão)

LUGAR DA TELHEIRA (Numão)

MONTARGÃO (Freixo de Numão)

PORTELA OU SUMAGRAL (Cedovim)

PRADO (lugar do Orgal, Castelo Melhor)

QUINTA DA CABREIRA (Numão)

QUINTA DE S. LOURENÇO (Almendra)

QUINTA DO ANDRADE (Almendra)
 QUINTA DO VALE (Seixas)
 QUINTA DOS BONS ARES (Touça)
 QUINTA DOS PISCOS (Muxagata)
 RUMANSIL I e II, séc. III d.C.
 SANTA MARINHA (Cedovim)
 SEQUEIRA (Horta)
 SOUTINHO OU VALE DO JUNCO (Sebadelhe)
 TERRA DO REI NEMÃO (Sebadelhe)
 VALE DA AMOREIRA (Horta)
 VALE DA OUVADA 2 (Arnozelo, Numão)
 VENDADA, séc. III/IV
 ZIMBRO I, séc. III/IV d.C., próximo estrada romana (itinerário principal)
 ZIMBRO II (Freixo de Numão), finais do séc. II ao V d.C.

SIMPLES CASAIS

ADZIBOA (Freixo de Numão), séc. I/II d.C.
 ALMOINHAS I (Freixo de Numão)
 AREIAS (Murça)
 BAILADOURO (Arnozelo, Numão)
 CANTOS (Freixo de Numão)
 CÁPARO OU PINHEIRO MANSO (Cedovim)
 CARVALHA (Ameixoeiras)
 CASTANHEIROS (Numão)
 CAZAL/COLODREIRA (Freixo de Numão)
 CHÃO DO ABADE (Horta)
 CHÃO DO CARDOSO (Freixo de Numão)
 COLODREIRA (Freixo de Numão), séc. III d.C.
 COLODREIRA/ESCORNA BOIS (Freixo de Numão), séc. III-IV d.C. (Casal ou oficina)
 DETRÁS DA SERRA (Touça)
 ESCORNA BOIS II (Freixo de Numão)
 FIGUEIRA PRETA (Freixo de Numão)
 GARROCHO (Almendra)
 GRANJA (Freixo de Numão), séc. I/II d.C.
 LAMEIRA I (Custoias)
 LAMERA II (Custoias)
 MOREIRINHAS (Freixo de Numão)
 MORGADO (Numão)
 PORTO DE BOIS (Numão)
 SAMBADO (Mós)
 SENHORA DA GRAÇA (Custoias)
 SENHORA DO CAMPO (Almendra)
 SILVÃ (lugar dos Moinhos, Custoias)
 TORRÃO (Mós do Douro)
 VALE DA OUVADA 3 (Arnozelo, Numão)
 VALE DE SÃO JOANA (Freixo de Numão)

PERIODIZAÇÃO

Os vestígios até agora recolhidos levam-nos a considerar que o concelho de Foz Côa sofreu os efeitos da romanização desde os finais do século I a.C.

Este primeiro contacto com a civilização romana deu-se, provavelmente, através do contacto com alguma das legiões enviadas por Roma à conquista

da Península Ibérica. O topónimo Custoias é, segundo alguns historiadores, uma reminiscência desses tempos. Custoias terá, assim, principiado por ser uma "custodiae" ou aquartelamento de tropas.

A presença de soldados romanos é ainda assinalada em Muxagata (Quinta da Ervamoira). Aí terão acampado alguns dos soldados em trânsito, destinados ao controlo das minas de prata e chumbo existentes nas margens do Côa¹.

Os finais do século II e todo o século III parecem ter sido muito prósperos para esta região do Douro (ao contrário dos ventos que corriam no Império, ou talvez por isso mesmo!). Muitas novas villae e casais aparecem um pouco por todo o mundo rural. A que se poderá atribuir a causa deste fenómeno? À distribuição de terras por escravos libertos, ao recurso ao sistema de arrendamentos, a um aumento das populações nos centros urbanos...?!

Os estudos já efectuados em sítios com ocupação romana, levam-nos a depreender não terem sido sentidas, nesta área, as invasões e a guerra civil da segunda metade do séc. III d.C. No entanto, sítios romanos amuralhados (casos do Rumansil I, Tapada da Eira e outros), poderão ser sintoma de qualquer período de instabilidade por aqui sentida durante o Baixo Império.

Materiais cerâmicos recolhidos em sítios com ocupação romana que julgamos serem datáveis entre os séculos V e VII, levam-nos a colocar a hipótese de muitos desses sítios terem ocupação continuada para além da "queda do império" e já em pleno "período paleocristão".

ACTIVIDADES AGRÍCOLAS E PISCATÓRIAS

A VINHA

O levantamento de lagares e lagaretas nas zonas entre Freixo de Numão, Numão e Arnozelo forneceu um elevado número destas estruturas, prevendo-se que este número venha a aumentar substancialmente à medida que esse mesmo levantamento prossiga nas outras áreas do concelho.

Confirma-se a já antiga predisposição da região para a viticultura e produção vinícola.

O LINHO

De importância fundamental para a laboração dos teares, o linho terá sido cultivado nos arredores de Numão e de Freixo. Segundo Pinto Ferreira²,

¹ Gonçalves Guimarães. A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA QUINTA DA ERVAMOIRA — MUXAGATA, VILA NOVA DE FOZ COA, in DOURO — ESTUDOS & DOCUMENTOS, n.º 1, p. 264.

² J. A. Pinto Ferreira, PESOS ARCAICOS DE TEAR ENCONTRADOS EM NUMÃO, in Actas das I Jornadas Arqueológicas, 1969, 2.º vol. pp. 331-346.

cultivou-se, sobretudo, o linho mourisco que era mais resistente.

A PESCA

A existência de quatro tanques forrados a “opus signinum”, no sítio arqueológico do Zimbro II, tem-nos levado a colocar várias hipóteses quanto ao seu aproveitamento. Supomos que se destinavam à conserva de peixe, aproveitando o solho ou esturjão em que o Douro, ali a dois passos, era fértil.

No lugar do Torrão (Mós do Douro), junto à estação do caminho de ferro, recolheu-se um provável “arpão” que deve ter sido utilizado na pesca do esturjão. Os vestígios aí visíveis pertenceram, certamente, a uma casa de pescador.

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Circulação de mercadorias

Relativamente à circulação interna de mercadorias sabemos que pelo menos o aplito do Salgueiro, uma espécie de granito mole, foi largamente utilizado nas construções de maior preocupação estética. Extraído a partir dos séculos II/III d.C. naquela pedreira, foi utilizado em diversos sítios arqueológicos romanos, trabalhado em formas cilíndricas e outras. Ao longo dos séculos viria a ser aplicado em edifícios de arquitectura rica (antiga igreja de Mós do Douro, Casa Grande de Freixo de Numão).

A presença de diversos fragmentos de “sigilata” fazem-nos adivinhar ainda maiores intercâmbios comerciais.

Circulação de moeda

As escavações e simples achados avulsos³ têm-nos fornecido inúmeras moedas, importante

³ Mário de Castro Hipólito [DOS TESOUROS DE MOEDAS ROMANAS EM PORTUGAL, in CONIMBRIGA, vol. II-III, 1960-61, pp. 56-57] regista a recolha de dois tesouros monetários no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Escreve o seguinte:

Tesouros do Distrito da Guarda

75

Sequeira, freg. da Horta

Há cerca de 12 ou 14 anos, operários que procediam ao rompimento da estrada Porto à Barca de Alva encontraram, no lugar da Sequeira, numa caixa feita de granito, mais de 100 moedas pequenas, todas de cobre, do Império. O tesouro dispersou-se, conservando o Sr. Dr. João Gouveia, de Numão, bastantes exemplares, “iguais ou semelhantes aos que vêm fotografados na monografia de autoria de João Albino Pinto Ferreira (ANTIGUIDADES DE NUMÃO, Porto, 1953, pp. 14-15. Informação do Sr. Dr. João Gouveia, por carta de 27 de Janeiro de 1959 e por intermédio do Sr. Dr. J. A. Pinto Ferreira). Estes últimos são do século IV (As fotografias não possibilitam com segurança mais completa e precisa atribuição, sendo possível, contudo, identificar um numisma de Gratianus).

veículo promocional dos nomes e efígies dos imperadores e governadores romanos.

Os espécimes numismáticos encontrados recordam os tempos da República⁴, Volteia⁵ o propretor Publio Carisius (25 a 22 a.C.)⁶, Faustina (146 d.C.), Valério I (253-260), Mariana (mulher de Valério), Galieno⁷ (253 a 268 d.C.), Salonina (mulher de Galieno, foi morta com o marido em 268), Cláudio II, o Gótico (268-270), Tétrico I ou II (270), Próbo (276-282), Numério (nasceu em 254 e foi assassinado em 284), Diocleciano (284-305), Maximino (governou 3 vezes, a primeira de 286 a 305, a segunda de 306 a 308, e terceira em 310), Constancio (306 d.C.)⁸, Lícínio I (308-324), Constantino I, o Grande (307-337), Delmácio (335-337), Constantino II⁹ (337-340 d.C.), Constante (337-

76

Castelo de Numão

Em notícia sobre a exposição numismática levada a efeito na Guarda em 1954, informa o seu redactor que nela “avultava uma quantidade de antoninianos provenientes do castelo de Numão (Adriano Vasco Rodrigues, NOTÍCIA SOBRE A 1.ª EXPOSIÇÃO NUMISMÁTICA DA GUARDA in NVMMVS, vol. II, n.º 7, Porto, 1954, p. 205). Estas moedas parece terem alguma relação com a colecção de 164 peças de bronze existente no Museu Regional da Guarda, adquirida por oferta e proveniente de achado, ou achados, de Numão ou Freixo de Numão.

Não se trata, contudo, só de antoninianos, cujo número não chega a atingir meia centena. Entre aqueles cuja identificação é possível verificamos a seguinte distribuição: Valeriano I, 1 exemplar; Mariniana, 1 ex.; Gallienus, 21 ex.; Salonina, 1 ex.; Claudius II, 13 ex.; Tetricus I ou II, 1 ex.; Probus, 2 ex.; Numerianus, 2 ex.; Diocletianus, 2 ex.; Maximianus, 2 ex. Muito rápido foi o nosso exame das restantes unidades, a maioria das quais oferece reais dificuldades à identificação (mau estado de conservação, deficiente manufatura, descentragem dos cunhos, corte de legendas, faces esmagadas). Nelas se encontram representados Licinius I, 2 ex.; Constantinus I, Delmatius, Constants, Constantius II, Magnentius, pelo menos, além de Constantinopolis (sic).

Até ao presente não foi possível apurar a origem exacta da totalidade dos numismas. Afigura-se-nos que não são originários de um só depósito, o que o próprio estado de conservação também sugere.

⁴ J. A. Pinto Ferreira coleccionou um conjunto de moedas romanas que classificou, juntamente com Damião Peres, vid. FREIXO DE NUMÃO — APONTAMENTOS, pp. 102-103.

⁵ Descoberta no Chão da Eira (Castelo). Vid. J. A. Pinto Ferreira, MOEDAS ROMANAS ENCONTRADAS EM FREIXO DE NUMÃO. Neste mesmo artigo, Pinto Ferreira cita um seu trabalho intitulado MOEDAS ROMANAS ENCONTRADAS NO TERMO DE NUMÃO, publicado ou a publicar na revista NVMMVS, n.º 33, Porto, 1979, consultada aquela publicação não o conseguimos encontrar.

⁶ Moeda encontrada nos arredores de Freixo de Numão (Adziboa).

⁷ Moeda achada na propriedade urbana de José António Frade, à Rua da Santa Bárbara. Foi encontrada durante o restauro de uma parede interior da casa, em 1967. Vid. J. A. Pinto Ferreira, MOEDAS ROMANAS ENCONTRADAS EM FREIXO DE NUMÃO E SEU TERMO in Revista de Guimarães, 1980, pp. 375-381.

⁸ Foi encontrada uma moeda de Constancio na R. da Santa Bárbara, 4 na propriedade rústica de Joaquim Manuel Perdígão Silva, no Chão da Santa, e 1 no Castelo. Vid. J. A. Pinto Ferreira, ob. cit.

⁹ Várias moedas deste imperador foram achadas no Zimbro I.

-350), Constancio II (337-361), Magnêncio (350-353), Valentiano, Graciano (367-383) e Teodósio ¹⁰.

O período cronológico abrangido mostra-se semelhante ao das moedas recolhidas e estudadas por Adriano Vasco Rodrigues, nas vizinhas terras da Meda ¹¹.

ACTIVIDADES INDUSTRIAIS

Metalúrgia

Os indícios da actividade metalúrgica são numerosos. No Rumansil I (Murça do Douro), sítio arqueológico datável do séc. III, identificou-se uma oficina de ferreiro e uma fundição de chumbo. Entre as peças que aqui terão sido fundidas nessa época, figura um prumo em chumbo. Outra provável oficina estava localizada na Colodreira (Freixo de Numão), onde num ambiente dos séculos III/IV se recolheu restos de escória. No sítio do Zimbro II ¹² (Freixo de Numão) foi ainda possível delimitar a área da forja.

No sítio das Regadas II (Freixo de Numão), junto à calçada romana, encontrava-se ainda uma oficina de ferreiro e/ou carroceiro que serviria de apoio aos utilizadores daquela via, durante o período da ocupação romana.

Moagem e panificação

Restos arqueológicos ligados a esta actividade encontram-se espalhados por todo o concelho. A presença de mós é frequente em quase todos os sítios arqueológicos. Na vila rústica do Rumansil I, encontram-se dois edifícios que foram usados em múltiplas actividades, designadamente na moagem e armazenamento de cereais. Registaram-se aqui 3 tanques e 1 tulha, forrados a "opus signinum". Uma área destinada à moagem está também registada no Zimbro II. Note-se ainda a presença de mós manuais em Quintas ¹³ (Chãs) e no quintal da Casa Grande (Freixo de Numão).

Olaria

Esta actividade é particularmente significativa a partir do séc. III d.C., sendo conhecidos vários

fornos de cerâmica deste período, casos do Rumansil I onde foi encontrado um de grandes proporções e um de pequenas. Neste local foram ainda encontrados, no interior do forno pequeno, alguns pesos de tear ainda por cozer. Na Vendada III deve ter existido, pela mesma época, um outro complexo cerâmico.

Dos achados mais significativos ligados à olaria consta um "dolium" recolhido no Zimbro II com a marca do oleiro LON (ibus)F(ilius), que pode muito bem ter desenvolvido a sua actividade nesta região.

Fiação e tecelagem

A tecelagem está bem documentada em quase todos os sítios já inventariados (villae, vicus ou civitas), com a recolha de algumas centenas de pesos de tear em barro (pondus). Só no quintal da Casa Grande (Freixo de Numão) foram recolhidos cerca de 150.

No Prazo (Freixo de Numão), encontraram-se diversos pesos de tear (pondus), figurando num deles a marca do fabricante: CTT.

A exploração mineira

O APLITO — rocha granítica mole esbranquiçada foi extraída na zona do Salgueiro, onde se detectaram vestígios de oficinas de canteiros dos séculos II/III d.C.

OURO DE ALUVIÃO — na Ribeira de Aguiar
CHUMBO E ESTANHO — termo de Almendra
CHUMBO E A PRATA — junto ao rio Côa

No Rumansil I existiu também, no séc. III d.C., uma oficina de canteiro.

AS VIAS DE COMUNICAÇÃO

São várias as vias até agora identificadas, revelando, nas suas dimensões e traçados, diversas categorias.

1. Assim temos a Calçada Romana das Regadas com um troço de cerca de 650 metros em bom estado de conservação. Pertenceu a uma via principal e terá sido, na época dos imperadores, um dos pontos mais importantes na ligação das duas margens desta região do Douro Superior. Na passagem de um ribeiro existia um "pontão" de arco de volta perfeita que ruíu (desconhece-se quando). Próximo deste itinerário principal localizam-se diversos sítios arqueológicos, designadamente o Zimbro I.

2. Estrada romana que ligava Ranhados a Freixo de Numão e à **Vicus** ou **Civitas** de Numão, onde passava pelo Tanque do lugar dos Picotos. Na sua construção devem ter participado, em meados do séc. II, os **Assaniancenses** ¹⁴, cujo nome surge num avia vicinal próxima.

¹⁰ Moedas provenientes do Prazo. Vid. Pinto Ferreira, ob. cit.

¹¹ Vid. Adriano Vasco Rodrigues, TERRAS DA MEDA — NATUREZA E CULTURA, 1984. Entre as ilustrações deste livro figuram um denário de prata de Marco António (31 a.C.), encontrado em Marialva; um áureo do imperador Adriano (117-138 d.C.), encontrado em Longroiva; um antoniniano de Galieno (253-268 d.C.), encontrado aos Três Ribeiros — Fontelonga; uma moeda de Helena Augusta (Santa Helena) — mãe de Constantino I (307-337 d.C.) —, encontrada em Ranhados; e um solidus de Constantino III (407-411 d.C.), encontrado em Ranhados.

¹² Este sítio acusa uma ocupação entre os finais do século II e o século V.

¹³ Mó manual dormente.

¹⁴ Inscrição em rocha, a caminho do Areal, em Numão, segundo a leitura de Patrício Curado.

3. Uma Via Secundária do Baixo Império liga a Pedra Escrita (Freixo de Numão) à Senhora da Esperança (Murça do Douro), passando ainda pelo Rumansil.

4. Outra via, com calçada, permitia às gentes do termo de Freixo ir buscar o aplito à pedreira do Salgueiro.

5. Entre o Côa e o Orgal há uma Via que foi utilizada até muito recentemente, onde se conserva ainda em muito bom estado um troço de calçada, executada em lajes de xisto.

6. A Calçada das Quintas (Chãs) — no caminho que vem da Relva, derivando do lugar das Quintas e indo para a freguesia de Santa Comba. Trata-se de uma calçada romana construída em granito. Esta calçada integrava-se na estrada que ligava, segundo alguns, Luncobriga (hoje Longroiva) a Calábria, e possuía, na Quinta da Ervamoira, uma estação de muda (*mutatio*). Este edifício romano, construído ainda antes do séc. IV, estava situado num lugar estratégico para controle, na passagem a vau do rio Côa ¹⁵.

7. A Calçada da Penascosa (Castelo Melhor) — junto ao rio Côa, no núcleo de gravuras rupestres da Penascosa, nasce uma via coberta com grandes lajes de xisto, que poderá remontar aos primeiros séculos da nossa era.

8. A Calçada do Abrolho (Chãs).

9. As inscrições de Santa Maria da ribeira, Vesúvio e Freixo de Numão, levaram M. Gonçalves da Costa a lançar a hipótese de uma estrada ao longo da margem sul do Douro ¹⁶.

A RELIGIÃO

Relativamente ao período da dominação romana, o panteão local acusa pelo menos quatro influências diferentes:

1.^a Os deuses oriundos de Roma, trazidos pelas legiões romanas, como Júpiter e a Juno.

2.^a O Cristianismo, que embora transmitido pelos romanos, possui uma origem judaica. Os templos paleo-cristãos, como o do Prazo ¹⁷, reflectem bem a precocidade da sua presença na região.

3.^a As divindades indígenas romanizadas, caso dos Lares Turolenses ¹⁸ e Iuno Veamvaearvm ¹⁹.

4.^a Os deuses locais de tradição animalista, com raízes em cultos celtas ou mesmo anteriores: os berrões.

¹⁵ Gonçalves Guimarães, A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA QUINTA DA ERVAMOIRA — MUXAGATA, VILA NOVA DE FOZ COA, in DOURO — ESTUDOS & DOCUMENTOS, n.º 1, p. 264.

¹⁶ M. Gonçalves da Costa, HISTÓRIA DE LAMEGO, vol. I, p. 32.

¹⁷ Na Quinta da Ervamoira foi identificada uma possível basílica paleocristã do séc. V ou VI.

¹⁸ C.I.L., II, 431.

¹⁹ C.I.L., II, 430.

Aguarda-se com alguma ansiedade os estudos das diversas epígrafes que, certamente, não deixarão de acarretar novos elementos para o estudo da prática cultural nesta região.

A VIDA QUOTIDIANA

A higiene

Intimamente ligado a este aspecto encontra-se uma zona termal recentemente identificada no sítio do Prazo. Os primeiros estudos de que tem sido objecto, datam-no do século II d.C.

Em Castelo Melhor há também indícios de uma área destinada a semelhante fim. Nos Costumes e Foros de Castelo Melhor ²⁰, um dos artigos define os dias de banho dos homens e das mulheres. Estas deviam entrar no banho ao domingo, nas terças-feiras e nas quintas, enquanto aos barões cabia-lhes os outros dias da semana. Um hábito que remontaria talvez à época romana!

O vestuário

Relativamente ao vestuário, as escavações arqueológicas têm revelado diferentes tipos de fíbulae que eram usados pelos homens e mulheres para apertarem os seus mantos.

Entre os objectos e adorno usados figuram estiletes em bronze (Casa Grande) e um anel de ferro com incrustação em bronze (Rumansil I).

Habitação

O estudo de alguns sítios arqueológicos permite-nos hoje conhecer, com algum pormenor, as habitações deste período. Por exemplo, a planta da vila rústica do Rumansil I revela a existência de dois edifícios ligados entre si por uma zona alpendrada, surgindo ainda, em anexo, dois fornos de olaria. O edifício mais pequeno, que parece ter sido o de residência, servia também para a actividade metalúrgica. O maior estava ligado à vida agrícola, evidenciando com o seu lagar e tanques a importância económica do vinho na vida dos seus habitantes. Parte dele destinava-se, provavelmente, a albergar os animais domésticos. Duas pequenas divisões serviam ainda de oficinas.

A planta do Zimbro II, embora de aspecto diferente, tem também as áreas cobertas vocacionadas para funções idênticas. Curiosamente, nesta casa não existia lagar. Em contrapartida havia uma divisão com dois tanques, possivelmente destinados à conserva do esturjão e do solho!

Com coberturas de telha (tegula e imbrex), estas casas eram construídas, sobretudo com

²⁰ PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Leges et Consuetudines, p. 920.

granito, e por vezes com xisto, caso das soleiras do Salgueiro.

A alimentação

Relacionado com as práticas alimentares recolheu-se uma colher tardo-romana (em bronze) recolhida no Prazo. Restos de “dolium” e panelas em barro são frequentes em quase todos os locais romanizados. As talhas (dolia) possuíam uma tampa circular, em xisto, com um orifício central.

Relacionado com este capítulo está ainda a existência de “mansio” e “tabernae” ao longo das vias. Topónimos como Vendas e Vendadas são também indícios da existência de estalagens espalhadas ao longo dos caminhos.

A morte

As práticas funerárias de enterramento, aparentemente, foram semelhantes às seguidas no resto do território lusitano. Uma bilha ligada ao culto funerário (séc. II d.C.), pintada à mão, foi encontrada no Largo de S. João (Freixo de Numão). A incineração foi praticada, na Lusitânia, até meados ou fins do século III d.C., adoptando-se no século seguinte a inumação.

A CULTURA

A presença de inúmeras epígrafes²¹, cobrindo praticamente todo o período da romanização, revela o domínio da escrita por parte da população. Outros aspectos que nelas também transparecem são o culto religioso e a preocupação com a propriedade pessoal.

Relativamente à escultura, aparentemente, não teve grandes cultores. A estátua do berrão encontrada recentemente revela-se tosca, característica aliás comum a todos os outros berrões encontrados no distrito.

Freixo de Numão, 20 de Abril de 1997

Trabalho de “SÍNTESE” efectuado por ANTÓNIO ALBERTO RODRIGUES TRABULO

²¹ Epígrafes: Lugar do Telheiro/Numão, séc. I d.C.; Caminho do Areal/Numão, séc. I ou II d.C.; Inscricção rupestre do sítio do Conde/Numão, séc. I/II d.C.; Igreja Matriz de Freixo de Numão, séc. II (?); Igreja Matriz de V. N. de Foz Côa; etc.

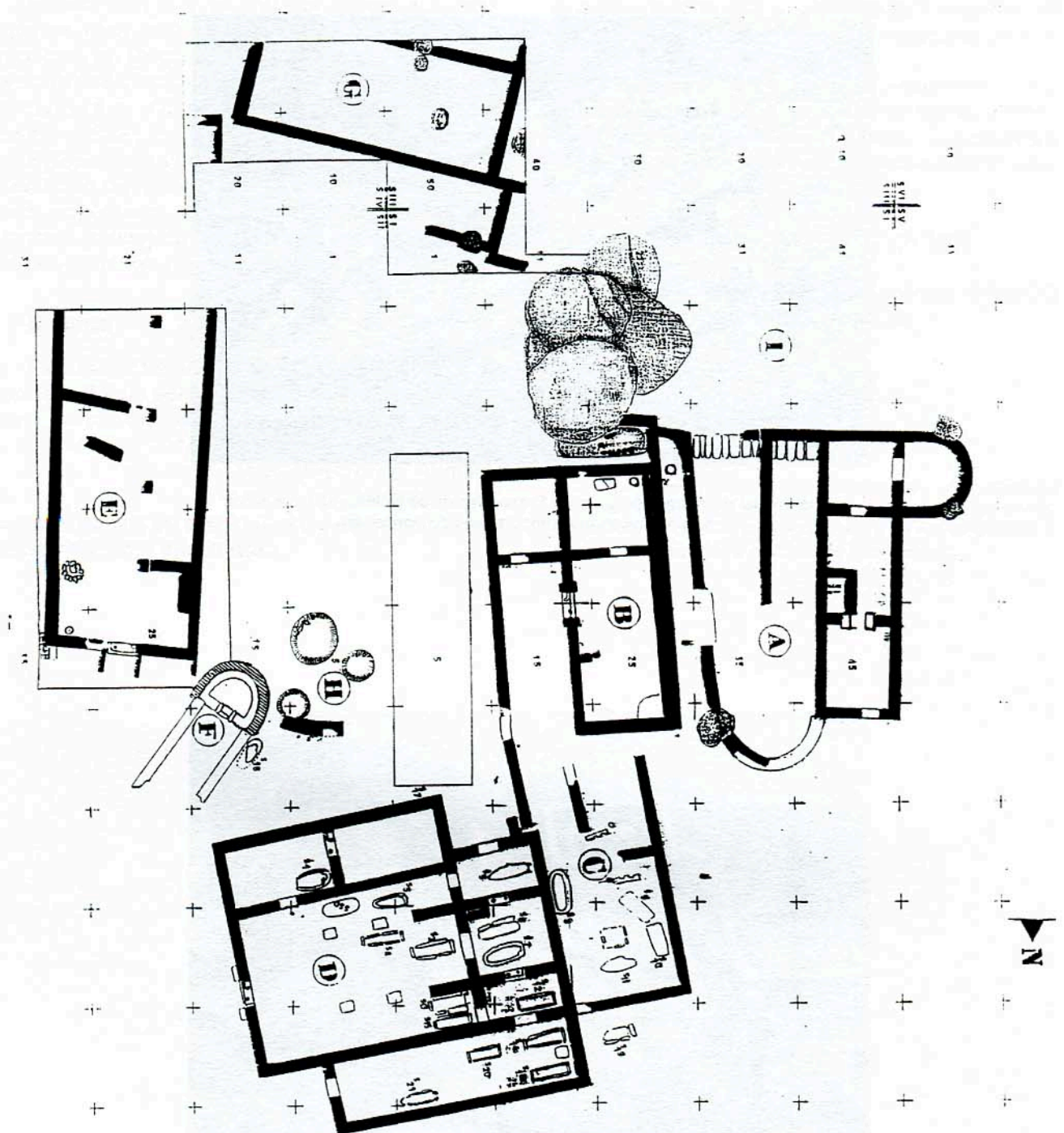


Vista parcial da ruínas romanas do Prazo (Freixo de Numão) um dos sítios arqueológicos mais importantes do concelho



Fragmentos de dolium e tampa em xisto, junto a estrutura da época romana sítio do Prazo

**SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PRAZO
(Planta)**



- A — Provável «zona balnear» nos séculos I e II d.C.
- B — Edifício dos séculos III e IV d.C.
- C — Provável área de actividade oleira no século IV d.C. depois mecrópole Paleocristã a partir do século V d.C.
- D — Igreja e Necrópole Medieval (sobre edifício romano)
- E — Edifício ocupado nos séculos I/II, III e IV d.C.
- F — Forno de secar figos (moderno)
- G — Edifício romano nos séculos III e IV d.C.
- H — Prováveis estruturas ligadas a forja e ferraria
- I — Área com ocupação Neolítica